

## O Forte de S. Pedro da Cadaveira

[Resumo]

Carlos Caetano

Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da  
Universidade Nova de Lisboa

O Forte de S. Pedro da Cadaveira foi construído nos anos de 1642 e 1643, logo a seguir à Restauração da Independência de Portugal. Apesar das suas pequenas dimensões, este Forte, tal como os demais pequenos fortes da Baía de Cascais, integrava de pleno direito o grandioso sistema defensivo da frente marítima do Reino, tal como projectado a partir do início do reinado de D. João IV. Este sistema defensivo, modelado e erguido com a colaboração de engenheiros militares recrutados à pressa no estrangeiro, era a resposta ao autêntico pânico sentido perante a ameaça de uma eventual invasão da armada espanhola em particular a Lisboa, epicentro e razão de ser de toda a estratégia defensiva portuguesa.

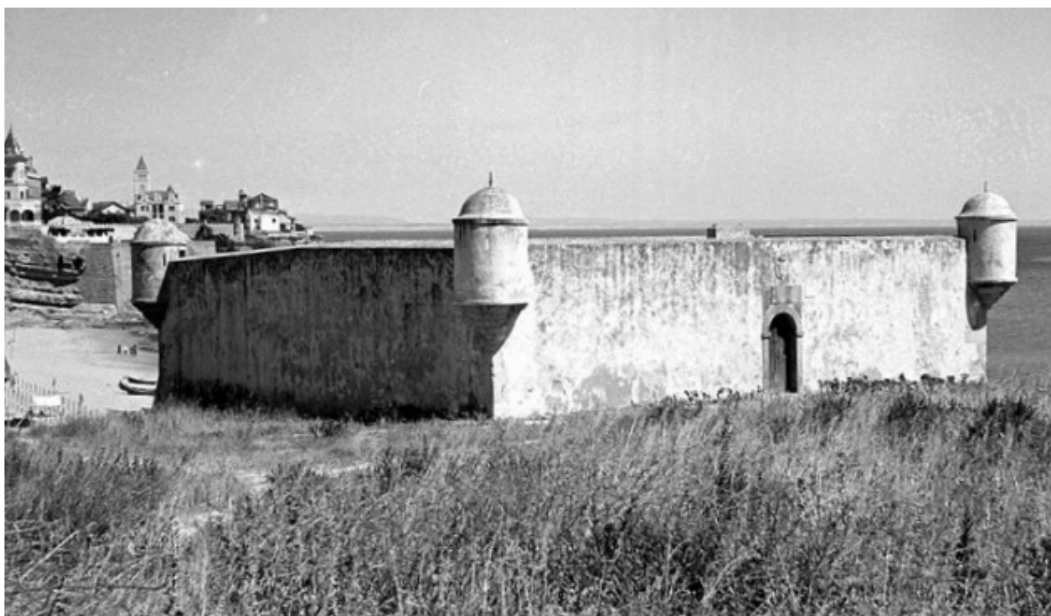


Fig.ª 1: Forte de S. Pedro da Cadaveira, in *SIPA (Sistema de Informação para o Património Arquitetónico)* criado e gerido pela Direção-Geral do Património Cultural – DGPC: <https://mail.google.com/mail/u/0/?ogbl#inbox/FMfcgxwHNgWwcSKBrkStgwKTTwCvJgbh?projector=1&messagePartId=0.2> (consulta 29 de Maio de 2020; adaptado).

Esta estratégia contou com a construção imediata – logo a partir de 1642 – de uma rede densa de pequenos *fortes* ou *fortins*, *baterias*, *atrincheiramentos* e *esplanadas*, estruturas defensivas dispostas ao longo de toda a frente marítima do território, cuja principal função era a de impedirem o desembarque dos barcos das armadas inimigas nas praias contíguas. A construção dos fortes então erguidos na enseada de Cascais deve-se ao Conde de Cantanhede, D. António Luís de Menezes, nomeado Governador da Praça de Cascais em inícios do ano de 1642 e grande dinamizador da fortificação da frente marítima do Reino, entre Peniche e Lisboa. Deste grandioso sistema, a Leste de Cascais subsistem apenas o Forte de S. Pedro e o Forte de S. João da Cadaveira, ambos contemplados no Programa REVIVE.

O Forte de S. Pedro está localizado numa pequena colina sobranceira ao Oceano e em particular à Praia da Poça, cujo acesso vigiava, em articulação com o vizinho Forte de S. João da Cadaveira, implantado a montante, 200m a Leste, na colina fronteira, junto a uma falésia também sobranceira ao Oceano (Fig.<sup>a</sup> 2).



Fig.<sup>a</sup> 2: Praia da Poça, ladeada pelos Fortes de S. Pedro (a Oeste; a verde, à esquerda) e de S. João da Cadaveira (a Leste; a amarelo, à direita). Fonte: Google Earth (consulta 17 de Abril de 2020; adaptado).

O Forte de S. Pedro é também conhecido por *S. Pedro da Cadaveira*, designação que partilha com o vizinho Forte de S. João. Retirou esta designação do nome da pequena ribeira que outrora desaguava na praia contígua, de há muito conhecida como *Praia da Poça*, outrora famosa pelas suas termas, os *Banhos da Poça* - motivo porque também era referenciado como *Forte da Poça*.

O Forte de S. Pedro é também conhecido como *Forte de S. Teodósio*, designação que deve remontar a 1642, pois é uma homenagem ao filho mais velho de D. João IV, o príncipe herdeiro D. Teodósio de Bragança (1634-1653). Deve referir-se que a designação “Forte de S. Teodósio”, que chegou até nós, é por

vezes atribuída, *erroneamente* - hoje, como no passado - ao vizinho forte de S. João da Cadaveira.

A tipologia do Forte de S. Pedro da Cadaveira era comum aos inúmeros fortes da Restauração de pequenas dimensões, erguidos na costa do território português nos anos imediatos a 1640. Capta-se facilmente nas descrições e nas plantas antigas (Fig.<sup>a</sup> 3) e é caracterizada pela *simplicidade estrutural* e pela *simplicidade estratégica*, pela *regularidade*, *singeleza* e *despojamento* formal da composição arquitectónica e ainda pela *solidez* e *resistência* da construção.

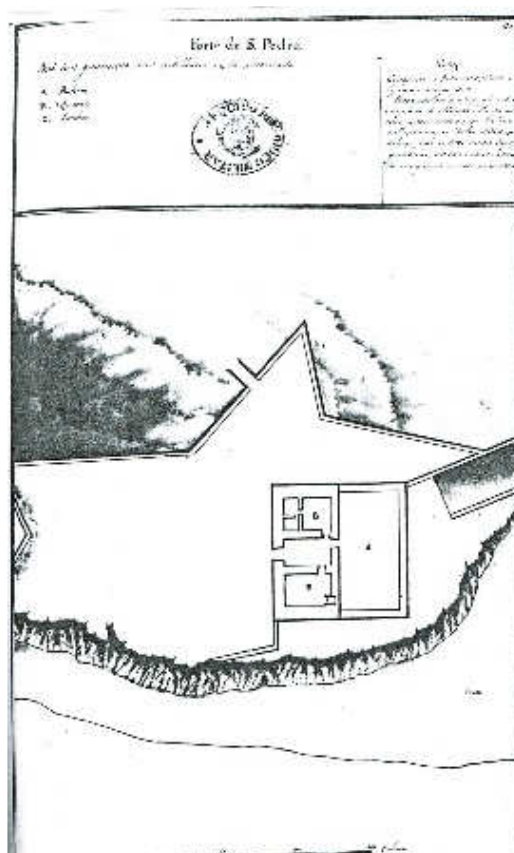


Fig.<sup>a</sup> 3: “Forte de S. Pedro”, in Maximiano Joze da Serra: *Plantas dos Fortes, e Fortalezas da costa do Norte do Reino de Portugal... Por Maximiano Joze da Serra Sarg.<sup>o</sup> Mor do Real Corpo dos Engenheiros. No Anno de 1796*, f. 30 (Original da Biblioteca Municipal do Porto, reprodução no Fundo Carlos Pereira Callixto in PT/AHM/FP/38/5/541 / doc. 80).

A tipologia do Forte de S. Pedro da Cadaveira integrava duas componentes: uma principal, o *forte*, e uma subsidiária, composta por uma *esplanada* circundante e por um *entrincheiramento* (ou *atrincheiramento*).

O Forte de S. Pedro estava unido ao Forte de S. João por um *entrincheiramento*, isto é, por um paredão corrido, desprovido de canhoneiras,

construído entre os dois fortes provavelmente ainda no século XVII. Tratava-se de uma espécie de “couraça” ou corredor fortificado com arcos, a jeito de ponte, sobre a Ribeira de Cadaveira, de que ainda se viam vestígios em 1892. A sua função era constituir a *primeira* defesa da praia e do território circundante, impedindo o desembarque e o avanço das forças inimigas.

Como os demais Fortes da Restauração, também o Forte de S. Pedro da Cadaveira era circundado por uma *esplanada* fortificada, erguida provavelmente logo em 1642. Tratava-se de um espaço a céu aberto, de forma geométrica (ver Fig.<sup>a</sup> 3), cujo perímetro foi reforçado com uma *trincheira* ou paredão, também desprovido de canhoneiras, de modo a constituir a *segunda* e última linha de protecção de acesso ao Forte.

O Forte de S. Pedro tem forma quadrangular e a sua planta está organizada simetricamente em torno de um eixo orientado no sentido Oeste-Leste. O Forte é constituído por dois corpos justapostos, de planta rectangular, mas de funções e morfologia em tudo contrastantes: *aquartelamento* e *bateria*.

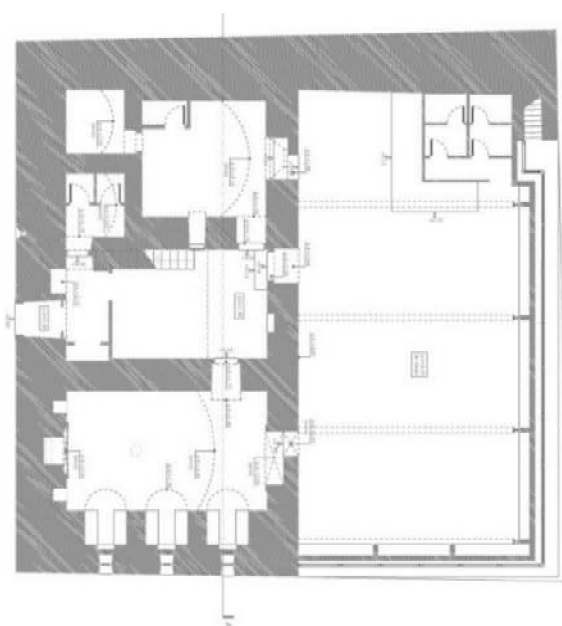


Fig.<sup>a</sup> 4: Forte de S. Pedro da Cadaveira, Planta (adaptação a boíte “Forte Velho”: note-se a cobertura da bateria à direita, na planta) in *Turismo de Portugal* – Programa REVIVE – Reabilitação, Património e Turismo:

<https://mail.google.com/mail/u/0/#inbox/FMfcgxwHNgiKvqHwmcGQrdnVcXmFbBCV?projector=1&messagePartId=0.4>.

O aquartelamento constituía a parte coberta do complexo, disposta em dois corpos abobadados e paralelos entre si, separados por um pequeno pátio intermédio (Fig.s 4 e 5). O corpo do lado Sul (à direita de quem entra) era amplo e abrigava a caserna, outrora com os seus tabiques e tarimbas. O corpo do lado Norte (à esquerda) estava dividido com paredes de alvenaria e abrigava a “casa da guarda”, o paiol e a casa “da palamenta”, isto é, um pequeno armazém para guarda e conservação de armas de mão, projecteis e aprestos afins.

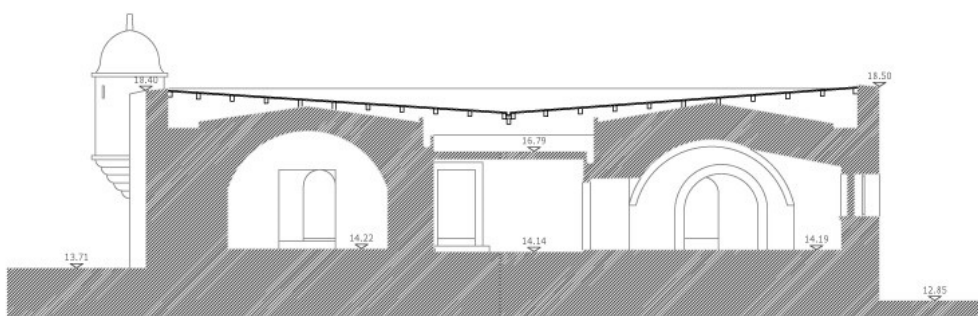


Fig.ª 5: Forte de S. Pedro da Cadaveira, Corte transversal in *Turismo de Portugal – Programa REVIVE – Reabilitação, Património e Turismo*:

<https://mail.google.com/mail/u/0/#inbox/FMfcgxwHNgiKvqHwmcGQrdnVcXmFbBCV?projector=1&messagePartId=0.10>; adaptado. Note-se o pátio central e os dois corpos do aquartelamento, abobadados e cobertos: à direita a nave da caserna; à esquerda depósitos, paiol e casa da guarda. Estes corpos têm extra-dorsos de duas águas de fraca inclinação, rodeados pelos corredores e pelos parapeitos superiores. Note-se ainda a cobertura superior (que ainda se conserva) montada aquando da adaptação do Forte a boíte “Forte Velho.

Os corredores de circulação adaptados nas coberturas dos seus dois corpos proporcionavam plataformas praticáveis para o exercício de tiro (fuzilaria). Nelas actuavam os soldados da guarnição em caso de assédio ou de ataque por terra.

Aposta ao aquartelamento, na *bateria* dispunham-se as peças de artilharia, sempre em pequeno número e sempre de baixos calibres, dada a pequenez do espaço disponível. Come feito, é uma plataforma lajeada (em lajedado) e a céu aberto e de planta rectangular (c. 15,84x7,70<sup>m</sup>), resguardada por um parapeito (desprovido de canhoneiras) nas suas frentes Leste e Sul, para o Oceano e a Praia da Poça, os alvos principais em caso de ataque,

Ao longo da sua história o forte de S. Pedro da Cadaveira teve uma existência militar muito apagada. Tal como os fortes seus vizinhos que consigo partilhavam a mesma tipologia, o Forte de S. Pedro da Cadaveira permaneceria de algum modo abandonado até uma data incerta do Reinado de D. José (1750-

1777), época em que deve ter tido obras importantes, por certo suscitadas pelo eclodir da *Guerra dos Sete Anos* (1762-1763), em que Portugal se deixou envolver. Testemunho material particularmente evidente das obras então levadas a cabo é o brasão (que não tem sido notado) com as armas reais de D. José, colocado sobre o seu portal (Fig.<sup>a</sup> 6).



Fig.<sup>a</sup> 6: Forte de S. Pedro da Cadaveira: lápide fundacional e brasão com as armas do Rei D. José.

O Forte viverá em seguida décadas de abandono e ruína. Só voltará a merecer a atenção das autoridades militares em 1831 e 1832, na fase mais aguda das Guerras Liberais, com a ameaça eminente de uma invasão marítima de Lisboa pela armada Liberal. Muito documentadas, as obras então projectadas mas não concluídas trazem até nós a perturbação vivida no seio dos Absolutistas nos meses que precederam a entrada dos Liberais em Lisboa a 24 de Julho de 1833. Estas obras e as iniciativas então levadas a cabo no Forte de S. Pedro da Cadaveira visando a sua reactivação enquanto estrutura defensiva são o canto do cisne desta pequena fortaleza, doravante desprovida de valências militares.

Em meados do século XIX o Forte de S. Pedro foi entregue à Misericórdia de Cascais para servir de apoio aos edifícios termais da Praia da Poça. Perde o seu estatuto militar pela Carta de Lei de 26 de Junho de 1889 e em 1896 encara-se a sua alienação. Perdidas as funções militares, foi ocupado sempre precariamente até que é restaurado em 1940 (ver Fig.<sup>a</sup> 1), passando a abrigar e a ser tutelado por diversas instituições oficiais e, depois, por entidades privadas, que o usaram sucessivamente como casa de chá e como bar-restaurante, o que deve ter provocado importantes obras de adaptação. Apesar das alterações sofridas, o Forte de S. Pedro da Cadaveira deve, porém, ter chegado ao 25 de Abril em

relativamente bom estado de conservação. Como tal, em 1977 o Forte foi classificado como *Imóvel de Interesse Público* pelo Decreto n.º 129, de 29 de Setembro.

Ainda nos fins do século passado nele se instalou uma *boîte* (discoteca *Forte Velho*) que se tornaria muito popular. A sua adaptação a esta função impôs nomeadamente a cobertura da bateria com um telhado em fibro-cimento (que se conserva, hoje arruinado), e a adaptação de envidraçados ao gosto da época sobre os parapeitos da mesma, que deu ao Forte o aspecto de um muito estranho aquário, insólito e descomunal (Fig.<sup>a</sup> 7).



Fig.<sup>a</sup> 7: “O Forte de S. Pedro com as marcas da sua adulteração bem visíveis”, in Joaquim Boiça, Fátima Rambouts de Barros e Margarida de Magalhães Ramalho, *As Fortificações Marítimas da Costa de Cascais*, Quetzal Editores, Lisboa, 2001, p. 109 (adaptado).

Em data posterior a 2001, o forte foi desocupado e, uma vez na tutela da Câmara Municipal de Cascais, o seu portal foi emparedado para prevenir a sua ocupação indevida e os inerentes actos de vandalismo. Apesar da intervenção de historiadores e intelectuais locais no sentido do reconhecimento do valor patrimonial deste como dos demais fortes da Restauração, o Forte de S. Pedro da Cadaveira chegou até nós muito degradado e sujo, com pinturas e “pichagens” de todos os tipos (*graffiti*, *tags* e categorias afins), facilmente removíveis.

Voltado para a praia e debruçado sobre o Oceano, o Forte de S. Pedro da Cadaveira é um monumento que, pela sua localização, pela sua antiguidade, pela sua história, mas também pela sua excelente arquitectura detém um valor excepcional, patrimonial e simbólico. A par do arranjo paisagístico da colina em que se localiza, impõe-se por isso o seu restauro, competente e delicado, no

respeito pleno pela morfologia, pela identidade e pela dignidade arquitectónica deste edifício histórico do Património de Cascais.

Em suma, dada a extrema qualidade da sua arquitectura e da sua construção original e ainda as potencialidades dos respectivos espaços, fechados e abertos, dentro e fora do Forte, impõe-se o restauro, a reabilitação e a reutilização condigna do extraordinário Forte de S. Pedro da Cadaveira, ao serviço de todos, tirando partido da sua localização prodigiosa, numa das frentes marítimas mais centrais, mais cosmopolitas e mais belas de toda a costa portuguesa.